



UnB

Universidade de Brasília

Faculdade de Ciências Humanas

Departamento de História

Carlos Fraterno Afonso de Moraes

O mapa dos engenhos: um estudo histórico geográfico dos engenhos do
recôncavo baiano no século XVIII

Brasília - DF

2022

Carlos Fraterno Afonso de Moraes

**O mapa dos engenhos: um estudo histórico geográfico dos engenhos do
recôncavo baiano no século XVIII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado e Bacharel em História

Orientador: Doutor Tiago Luís Gil

Data da defesa: 28/09/2022

Membros da banca examinadora: Denise Aparecida Moura,
Massimiliano Grava, Tiago Luís Gil

Brasília - DF

2022

Resumo

Este trabalho pretende adicionar a dimensão espacial à pesquisa histórica da economia açucareira durante o período colonial brasileiro. O primeiro objetivo da pesquisa é a criação de um mapa digital georreferenciado dos engenhos do Recôncavo Baiano. Esse mapa, no entanto, se torna a principal ferramenta para a análise da produção de açúcar do Recôncavo. Os diferentes fatores que podem ser utilizados nesse mapa podem demonstrar diversas relações dos engenhos com os rios, a população e a natureza. A hidrografia demonstra a importância que a navegabilidade dos rios tinha para o transporte dos produtos e insumos dos engenhos de interior e mesmo rios menores eram valorizados para a localização da implementação de novos engenhos. Infere-se que o desenvolvimento demográfico da região do plantio e beneficiamento da cana-de-açúcar está relacionado a uma concentração demográfica baixa se comparada com outros produtos de agricultura comercial na região, como o tabaco. Assim como a comparação dos engenhos entre os períodos de expansão e estagnação do açúcar demonstram os desafios e possíveis motivos para uma mudança espacial na região dos engenhos de açúcar dentro do próprio Recôncavo. Um fator decisivo para essa mudança é a exploração excessiva das matas para o corte de lenha, esgotadas as matas, não era possível manter o engenho.

Palavras-Chave: Ciclo do Açúcar - Mapeamento digital - Economia Colonial - Bahia

1. Introdução

O Brasil é atualmente o maior produtor de cana-de-açúcar (*Saccharum* sp.) e derivados do mundo. Tendo produzido na safra de 2020/21 (CONAB, 2021) 654,4 milhões de toneladas de cana, processadas em cerca de 41 milhões de toneladas de açúcar e 29 bilhões de litros de etanol. Hoje os derivados da cana, açúcar e etanol, juntos ocupam posição de destaque dentre as exportações nacionais, assumindo quase 10% do valor dessas exportações (NACHILUK, 2021). A principal região produtora desses derivados é o estado de São Paulo. Quanto a atual divisão de terras, o país tem a concentração fundiária da produção da cana por unidade produtiva um tamanho médio de 58 Hectares (IBGE, 2020). Dependendo da região, essa concentração pode ser maior, como no estado do Mato Grosso do Sul onde a terra de cultivo tem, em média, 1219 hectares (BERNARDO et al. 2020, p. 425).

Historicamente, o Brasil está entre os maiores produtores da cana-de-açúcar desde meados do século XVI, poucas décadas após a introdução da planta em algumas de suas regiões. As construções dos primeiros engenhos ocorreram ainda antes da divisão em capitânicas hereditárias (SCHWARTZ, 1988, p. 31). Rapidamente, a produção do açúcar para o comércio internacional tornou-se um negócio muito lucrativo para os portugueses que se instalaram no Brasil (HOLANDA, 2014, p.56). Durante o período colonial, a Bahia e especialmente o recôncavo baiano rivalizou com Pernambuco como principais regiões produtoras do açúcar no país. Nos registros de Antonil, em 1711 a Bahia possuía a maior produção enquanto Pernambuco tinha um número superior de engenhos (ANTONIL, 2011, p. 182).

Os colonizadores portugueses já praticavam a produção do açúcar no século XV em suas ilhas atlânticas, e com isso desenvolveram técnicas de plantio e um aparato de beneficiamento da cana em açúcar: o engenho (FURTADO, 2007, p. 31). O engenho de açúcar foi a estrutura para a fabricação do açúcar implementada no Brasil juntamente com a introdução da cana. Já utilizado para fabricar açúcar em diversos pontos do atlântico, principalmente na ilha da madeira, o engenho no Brasil tomou proporções maiores. De acordo com Simonsen, a hostilidade da terra brasileira aos portugueses e, com isso, a necessidade de uma aparelhagem adicional para a defesa e o transporte, fazia com que o engenho no Brasil já fosse construído com o objetivo de uma alta

produção, para compensar os custos adicionais (2005 p. 122). O engenho tradicional foi utilizado no Brasil entre os séculos XVI e XX, e foi gradativamente substituído por engenhos centrais à vapor a partir de 1875 com apoio do governo imperial (RODRIGUES e ROSS, 2020, p. 72). De modo geral, durante a colonização o engenho ia além da protoindústria, descrevem Varnhagen e Garcia:

O engenho representava uma verdadeira povoação, obrigando a utilização não só de muitos braços, como as necessárias terras de canaviais, de mato, de pasto e de mantimentos. Com efeito, da casa do engenho, da de moradia, senzala e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapê (de novecentas braças quadradas), além dos pastos, cercas, vasilhames, utensílios, ferro, cobre, juntas de bois e outros animais. (1854 *apud* Simonsen 2005 p. 123)

Ou seja, o engenho, de modo geral, era uma estrutura complexa de ocupação da terra, composta por diversas estruturas, áreas de plantio, pastos e diversas vezes ainda com uma igreja para a devoção dos residentes e pessoas de regiões próximas. Seu proprietário, dessa forma, concentrava riquezas, terras e poder na estrutura da colônia.

Para esse trabalho, no entanto, o termo “engenho” será utilizado no *stricto sensu*, ou seja, o conjunto de máquinas e ambientes necessários para o fabrico do açúcar. Esse conjunto é composto minimamente por: uma moenda, que poder ser de tração animal ou utilizar a força motriz da água, onde se extrai a garapa da cana; a caldeira, onde a garapa é fervida até se tornar um caldo; e a casa de purgar, onde o caldo descansa formas de barro para formar os pães de açúcar. É muito provável que a maioria, se não todos esses engenhos, tinham ainda grandes terras para o cultivo da cana-de-açúcar. Mas, como descreveu Vilhena (1969, p.174) no século XVIII, muitos dos engenhos, principalmente os de beira mar, dependiam de beneficiar a cana de outros produtores para seu sustento. Outros lavradores de cana, que não possuíam engenhos, precisavam então processar o açúcar localmente, e os faziam nos engenhos próximos. Na descrição de Antonil (2011, p. 129), após o corte da cana-de-açúcar, ela rapidamente fica seca e não pode esperar muito para ser moída, tampouco ficar exposta ao sol em um porto. É necessário que a cana seja plantada e conseqüentemente cortada nas proximidades de um engenho. Por tanto a análise subsequente das localizações dos engenhos está intrinsecamente conectada às suas regiões de plantio.

O Recôncavo Baiano é o ponto inicial da colonização da Bahia de Todos os Santos e o motivo de seu nome. É uma baía de grandes proporções e de entrada voltada para o Sul e com muitos rios e ilhas em seu interior (VARNHAGEN, 1877, p. 238). É no Recôncavo onde foi fundada a cidade de Salvador (também conhecida como Cidade da Bahia) e foram instaurados portos para o comércio ultramarino. A Cidade da Bahia foi construída no intuito de se tornar o centro do Governo do Estado do Brasil, a partir de uma decisão régia de 1549. Essa condição foi devida as qualidades da geografia da região (VARNHAGEN, 1877, p. 230)

Quanto a administração regional do recôncavo, Schwartz explica:

O governo local estava a cargo do senado e da câmara, ou câmara municipal como das cidades portuguesas. Na Bahia, esse órgão era dominado por senhores de engenho e comerciantes, e em geral representava aos interesses dos que se dedicavam à agricultura comercial e ao comércio ultramarino. (SCHWARTZ, 1988, p. 79)

Compreende-se que o açúcar e o poder econômico advindo de sua produção e comércio ditava o poder político regional.

O Recôncavo e a economia açucareira já foram bastante analisadas em diversos períodos da historiografia nacional (SIMONSEN 2005 [1937], FURTADO 2007 [1959], SCHWARTZ 1988 [1986]) contudo, faltam pesquisas que envolvam mapas detalhados da região e, principalmente, utilizando técnicas da cartografia digital. Sendo assim, este trabalho pretende utilizar o Sistema de Informação Geográfica (SIG) para desenvolver um mapa moderno dos engenhos do recôncavo baiano do século XVIII. SIG, no inglês GIS (*geographical information system*):

(...) is a computer-based system that supports the study of natural and man-made phenomena with an explicit location in space. To this end, the GIS allows data entry, data manipulation, and production of interpretable output that may provide new insights about the phenomena. (HUISMAN e DE BY, 2009, p. 17)

Baseando-se nesse mapa digital e nas fontes necessárias para montá-lo, essa pesquisa também se propõe a discutir brevemente a geografia econômica do Recôncavo baiano durante o período colonial.

O recorte desse trabalho baseou-se nas fontes encontradas, nesse caso, um conjunto de descrições regionais organizados pela Igreja em meados do século XVIII. Desta forma, a análise desse trabalho voltou-se principalmente para esse período. No entanto, as possibilidades geradas pela cartografia digital permitiram também uma análise de longo prazo, trazendo uma discussão comparativa com o mapa cedido por Gil, que se propôs a localizar os engenhos a partir das descrições de Soares de Souza do século XVI (GIL, 2016).

2. Metodologia

2.1 Justificativa Metodológica

Essa pesquisa se deu a partir da ideia de montar um novo mapa temporalizado dos engenhos do recôncavo baiano e, por meio da metodologia da análise indutiva, compreender os dados encontrados. A análise indutiva é uma metodologia de pesquisa qualitativa descrita por Patton (2002 p.56) como uma forma de contrastante com a dedução hipotética, já que não procura desenvolver uma tese *a priori*. Ou seja, esse trabalho se propôs a procurar as perguntas por meio das fontes históricas. A escolha dos engenhos como objeto principal do mapa se deu pois as suas presenças e ausências podem significar diversos fatores sobre a economia, sociedade e a própria geografia do recôncavo baiano. Ademais, permitiria dialogar com os mapas de Gil (2016) em uma comparação entre os diferentes períodos da cana na Bahia. Finalmente, ter os engenhos como objeto permitiu um recorte das fontes para trabalhar a análise indutiva.

O mapa como ferramenta de investigação e o próprio processo de seu desenvolvimento favorecem ao historiador e à História, com ele é possível explorar a espacialidade no tempo. O mapa digital desenvolvido através das ferramentas SIG (sistema de informação geográfica) tem um potencial ainda maior. Como explica Gregory, apesar de os *softwares* SIG não terem sido desenvolvidos para o uso de diferentes temporalidades, é sim possível utilizá-los para analisar dados integrados atributos no tempo e no espaço, sem a necessidade de simplificar um desses elementos

(GREGORY, 2002, 5.5). Isso acontece pela possibilidade de utilizar diferentes camadas no mapa.

Uma inspiração para este trabalho foi “*Georeferenziazione e modelli di densità dei mulini a vento maltesi tra XVII e XIX secolo*” de Massimiliano Grava (2016). Esse artigo foi um estudo comparativo que analisou as mudanças das localidades dos moinhos em Malta em um período de longa duração. O autor ainda relacionou dados econômicos e sociais para uma análise multifacetada. Grava introduz dados demográficos e conclui que existe uma relação direta entre a construção dos moinhos e seu mercado consumidor.

O mapa dos engenhos deste trabalho se propôs a uma análise comparativa similar, utilizando dados dos séculos XVI e XVIII para observar mudanças na estrutura da exploração cana e produção do açúcar no recôncavo baiano. Assim como utilizar de fatores demográficos e produtivos para a análise.

2.2 Processo de produção do mapa

A criação do mapa se deu a partir das informações contidas na seleção de fontes de 1757 que contam sobre freguesias em comparação com dados geográficos contemporâneos e georreferenciados. O processo se iniciou com a busca e seleção das fontes em arquivos digitais. O que foi seguido pela criação do mapa de base no programa QGIS. Finalmente, foi feita a análise das fontes e, a partir de seu conteúdo, houve a introdução da localização estimada dos engenhos ao mapa.

A busca das fontes foi feita na base de dados do Projeto Resgate, um arquivo digital de parceria entre Brasil e Portugal que contém documentos digitalizados do Arquivo Histórico Ultramarino. Para esmiuçar essa base de dados, foram utilizados dois processos de triagem para encontrar os documentos que contivessem as informações necessárias. O primeiro foi o procedimento manual, a leitura de uma por uma das descrições dos documentos. A partir da leitura desses resumos, foram selecionados os documentos com maior possibilidade de cumprir os requisitos e que deveriam ser lidos integralmente. Nesse momento, para cumprir os requisitos, a fonte precisaria conter

duas informações chave o nome do engenho e alguma informação sobre sua localização. A seleção foi realizada subjetivamente a partir das bases teóricas do pesquisador. Através desse processo, foram encontrados documentos com dois conteúdos principais: as transferências e as demarcações de engenhos. Esses documentos, contudo, apresentavam um problema que impediu que eles fossem usados na pesquisa: seus referenciamentos geográficos são baseados nas terras dos vizinhos. Esse formato de referenciamento cria uma necessidade de uma rede conectada de documentos para a localização que é irrealista, pela extensão desse trabalho de busca desses documentos e pelas lacunas criadas pela não existência nos tempos atuais de grande parte deles. Fez-se necessário encontrar documentos que contivessem informações de mais de um engenho e que baseassem em topônimos perenes -os rios. Para tal, esse procedimento de busca de fontes se demonstrou ineficiente e foi empregada outra metodologia. Além do próprio desenvolvimento da pesquisa, esse primeiro procedimento se fez importante para a familiarização com a base de dados e, também, para conhecer os termos utilizados nos documentos, o que permitiu a efetividade do procedimento seguinte.

A segunda metodologia empregada consistiu no uso das ferramentas de busca da plataforma. Foram procurados variados termos: “Engenho”; “Demarcação”; “Mapa”; “Relação”; “Eng.”; “Açúcar”. Termos que foram definidos a partir da primeira incursão no arquivo. Com isso, foi possível vasculhar todo repositório, e encontrar um agrupamento de fontes, contendo os documentos entre 2666 e 2718 da coleção de Bahia – Eduardo de Castro Almeida. Respostas de um possível pedido do arcebispado da Bahia, essa seleção de fontes, todas datadas de 1757, têm descrições de boa parte das freguesias escritas por vigários, provavelmente locais. Selecionados para a área de interesse da pesquisa, restaram apenas 8 documentos que informavam sobre a localização de engenhos e que conseqüentemente foram usados para a confecção do mapa. Esses documentos, descritos na seção resultado, são: 2691; 2692; 2694; 2695; 2696; 2697; 2700; 2702.

O processo de desenvolvimento do mapa de base para a recepção da localização dos engenhos foi como um brinquedo de blocos de montar. O *software* QGIS permitiu que o mapa fosse georreferenciado a partir de dados de satélites, e foi utilizado para todo o processo de montagem do mapa. A primeira camada do projeto foi o mapa *web*

Open Street Map, um mapa digital raster que serviu de base cartográfica geral, localizando o continente, os oceanos, principais rios, além de topônimos modernos como cidades e estradas atuais. Esse mapa é de acesso livre, sob a licença *Open Data Commons Open Database License (ODbL)*. A hidrografia é parte essencial para grande parte dos mapeamentos históricos, mas é ainda mais importante para os engenhos no recôncavo, segundo Schwartz “os engenhos, sempre que possível, localizavam-se às margens da baía ou ao longo dos rios, aproveitando os como meio de transporte e às vezes também como fonte de energia.” (p.79). Portanto, para complementar a hidrografia, foram adicionados ao mapa os dados vetoriais “Rios” e “Cursos d’água” parte da Base Hidrográfica Ottocodificada da Agência Nacional de Águas (ANA). Junto dos vetores, os dados da ANA contêm a nomenclatura da maioria desses rios e outros cursos d’água, nomes que em sua reminiscência histórica foram essenciais para todo o processo de localização dos dados das fontes. Tanto o mapa *Open Street Map* como os vetores da ANA possuem informações atualizadas, contudo, considerando a possível precisão do mapa, as pequenas mudanças nos cursos dos rios não devem ser problemas para o georreferenciamento.

Já com as fontes selecionadas e o mapa de base pronto. O passo final foi a montagem do mapa em si. Para isso, foi necessário desenvolver a metodologia. O processo foi previsto em quatro etapas. Primeiro, seria necessário localizar a freguesia dentro do mapa moderno e com isso seus rios. Em seguida, compreender através de informações contidas nas fontes quais rios mantiveram ou modificaram seus nomes, os rios foram os principais e mais confiáveis pontos de referência. O terceiro passo seria encontrar os nomes e os pontos de referência dos engenhos nas fontes. Finalmente, a partir desses pontos de referência teria de posicionar os engenhos no mapa.

3. Resultado

Os documentos estão relacionados e anexados a uma relação de todas as freguesias da Bahia. No entanto, não foi encontrado o pedido ou o motivo desses documentos. De toda forma, é provável que tenham sido pedidos pelo arcebispado para o maior conhecimento de suas freguesias. Alguma forma de censo eclesiástico. Ou

ainda, é possível que esses tenham sido a resposta a algum pedido do governador e vice-rei do Brasil, na época Marcos José de Noronha Britto, 5º conde dos arcs. Os documentos descrevem a Freguesia e os pontos principais mencionados são: as capelas, igrejas e ermidas; a hidrografia da região; os produtos locais; as regiões de povoamento; a população.

Código	Título	Autor	Data
AHU-BA -ECA 2691	Relação da Freguesia de Nossa Senhora de Santo Amaro do Recôncavo da Bahia	Vigário José Nogueira da Silva	1757
AHU-BA -ECA 2692	Notícia da Freguesia de São Pedro de Itaripipe e Rio Fundo	Vigário colado Manuel Lobo de Souza	S.d.
AHU-BA -ECA 2694	Notícia sobre a Freguesia de Nossa Senhora do Monte Recôncavo da Bahia	Vigário colado Miguel Teixeira Pinto	1757
AHU-BA -ECA 2695	Relação dos lugares, povoações, extensão de léguas e rios que há na Freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Recôncavo da cidade da Bahia	Vigário Ignacio Jardim	1757
AHU-BA -ECA 2696	Notícia sobre a Freguesia de São Gonçalo da Vila de São Francisco da Barra de Sergipe do Conde,	Vigário colado Valentim dos Santos Neves	S.d. (1757)
AHU-BA -ECA 2697	Notícia sobre a Freguesia de São Sebastião das Cabeceiras de Passé, do Arcebispado da Bahia	Vigário colado reverendo licenciado Felippe Barbosa da Cunha	S.d. (1757)

Código	Título	Autor	Data
AHU-BA -ECA 2700	Notícia sobre a freguesia de são Bartolomeu da vila de Maragogipe, Recôncavo da Bahia	Não está assinada	S.d.
AHU-BA -ECA 2702	Relação de Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação de Passé e dos sítios ou lugares, rios, seus nomes e distâncias e juntamente das pessoas que nela e nas capelas suas filiais ao presente se compreendem	Vigário Antonio da Costa Pereira	1757

Tabela 1: Relação das fontes, por código, título, autor e data

A aplicação da metodologia ocorreu com adaptações, com exceção dos documentos 2691, 2692, 2697 nos quais se deu da forma prevista. Uma das adaptações ocorreu para os documentos 2700 e 2702, escritos de forma similar, com uma descrição mais densa da região. Para esses documentos, o mapeamento dos engenhos foi uma tarefa de precisão, já que muitas vezes a localização dos engenhos se dava como uma reação em cadeia: a localização de um se baseava na localização do mencionado anteriormente. A descrição se dava em frações de léguas e uma direção cardeal ou seguindo algum rio. As vezes seguindo o seu curso e outras vezes subindo o rio. Para a medida da légua, foi utilizada como referência a distância da légua como 6600 metros, seguindo o que foi proposto por Costa (s.d. p. 5). Se tratando dos documentos 2694, 2695 e 2696 foram necessárias adaptações mais drásticas a metodologia, como exemplificado a seguir no processo de mapeamento dos engenhos do documento 2694.

Um dos mais complexos foi o da Freguesia de Nossa Senhora do Monte Recôncavo (doc. 2694). Essa Freguesia, uma das menores em área dentre as analisadas, ficava em região próxima ao antigo e grandioso engenho de Sergipe do Conde e continha dezenove engenhos. A grande barreira foi que o documento não referenciava geograficamente a localidade desses engenhos de nenhuma forma, apenas listou seus nomes. Isso criou a necessidade de que se buscasse uma solução, para isso baseando-se no hidro referenciamento que já havia sido feito para as outras freguesias e encontrei os

rios existentes. A região continha três rios que puderam ser localizados com precisão no mapa atual. Dois desses rios foram citados no documento como as divisas da freguesia e como rios de grande navegabilidade. Pela parte noroeste o rio Guaíba e pela divisa sudeste o rio Paramerim. Esses corpos d'água se tornaram a solução para o referenciamento, nesse caso com baixa precisão. Considerando que os rios navegáveis são benéficos à economia e ao funcionamento de longo prazo dos engenhos, esses foram divididos entre os rios. Seguindo uma forma semelhante a maneira na qual o Vigário descreveu as divisas da freguesia, do Norte ao Sul e seguindo os cursos dos rios.

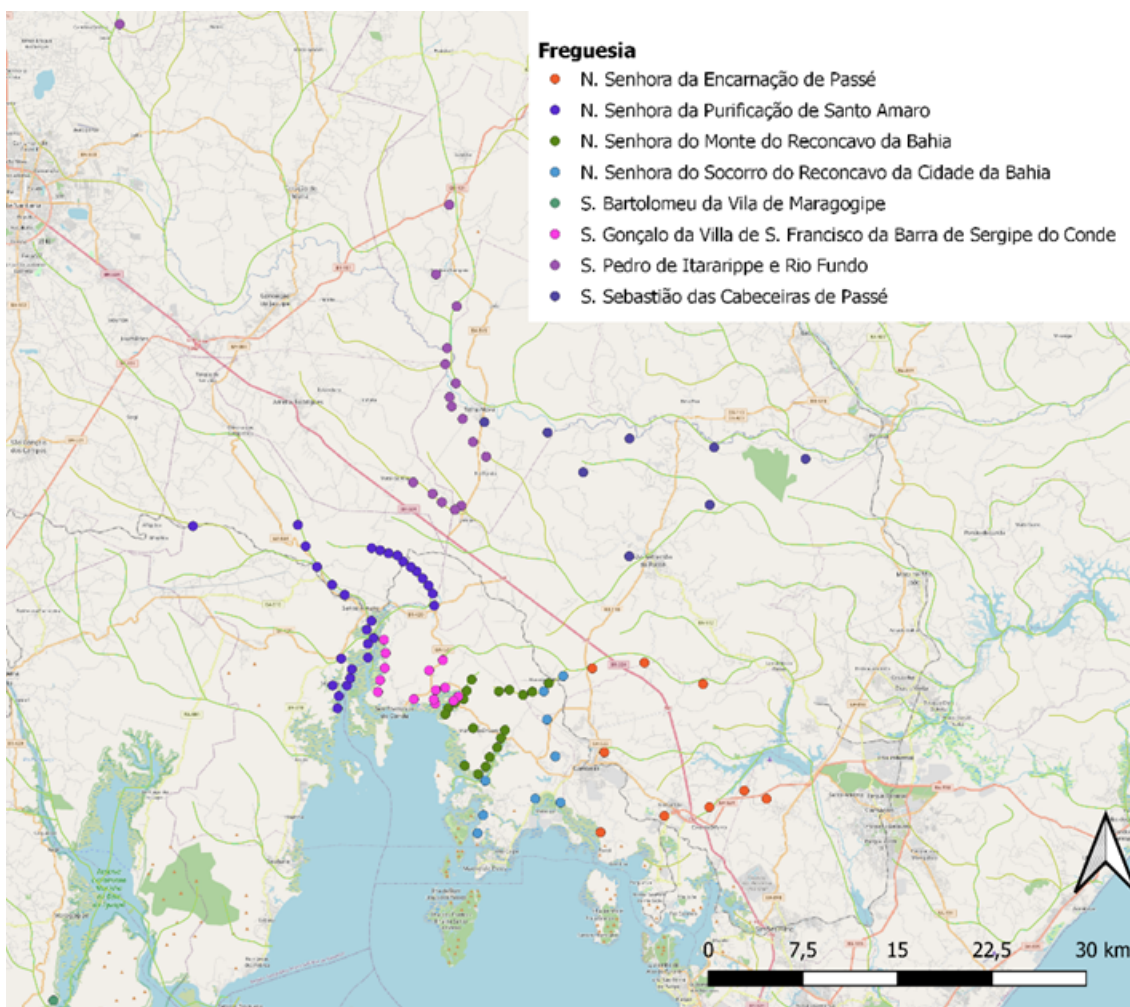


Figura 1: Mapa resultante da interpretação das fontes, identificando a provável localização dos engenhos. Note o engenho em Maragogipe no canto inferior esquerdo do mapa.

Essa primeira visualização do mapa é uma visão geral contendo todos os 106 engenhos ativos descritos nas fontes supramencionadas. Nela temos os engenhos

divididos por freguesia, numericamente: N. Senhora da Encarnação de Passé – 9 engenhos; N. Senhora da Purificação de Santo Amaro – 29 engenhos; N. Senhora do Monte Recôncavo da Bahia – 19 engenhos; N. Senhora do Socorro do Recôncavo da Cidade da Bahia – 9 engenhos; S. Bartolomeu da Vila de Maragogipe – 1 engenho; S. Gonçalo da Vila de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde – 14 engenhos; S. Pedro do Itaripipe e Rio Fundo – 17 engenhos; S. Sebastião das Cabeceiras de Passé – 8 engenhos.

4. Discussão

4.1 Hidrografia

O primeiro fator é a própria questão numérica dos engenhos. Tendo sido localizados 106 engenhos a partir deste conjunto de relatos das freguesias. Valor a ser comparado com os dados do período, e dentre eles, possivelmente o de data mais aproximada seria o conjunto de dados produtivos organizados pelo engenheiro militar Jozé Antônio Caldas entre 1755 e 1759. Segundo Caldas (2015) a Bahia teria, no momento de sua pesquisa, 172 engenhos dentre eles 126 seriam localizados no Recôncavo e os outros 46 distribuídos no norte do estado, onde atualmente se localiza o estado de Sergipe. Se baseando nesse relato, existe uma lacuna de 20 engenhos. Isso provavelmente se deu devido à inconsistência dos relatos dos vigários (que ao que parece nos documentos não tinham exatamente uma fórmula para fazê-los) ou ainda a não preservação de algum desses documentos. De toda a forma, com cerca de 84% dos engenhos mapeados (se Caldas for considerado como acurado), foram feitas diversas reflexões quanto a região do beneficiamento de cana em meados do século XVIII, a serem discutidas a seguir

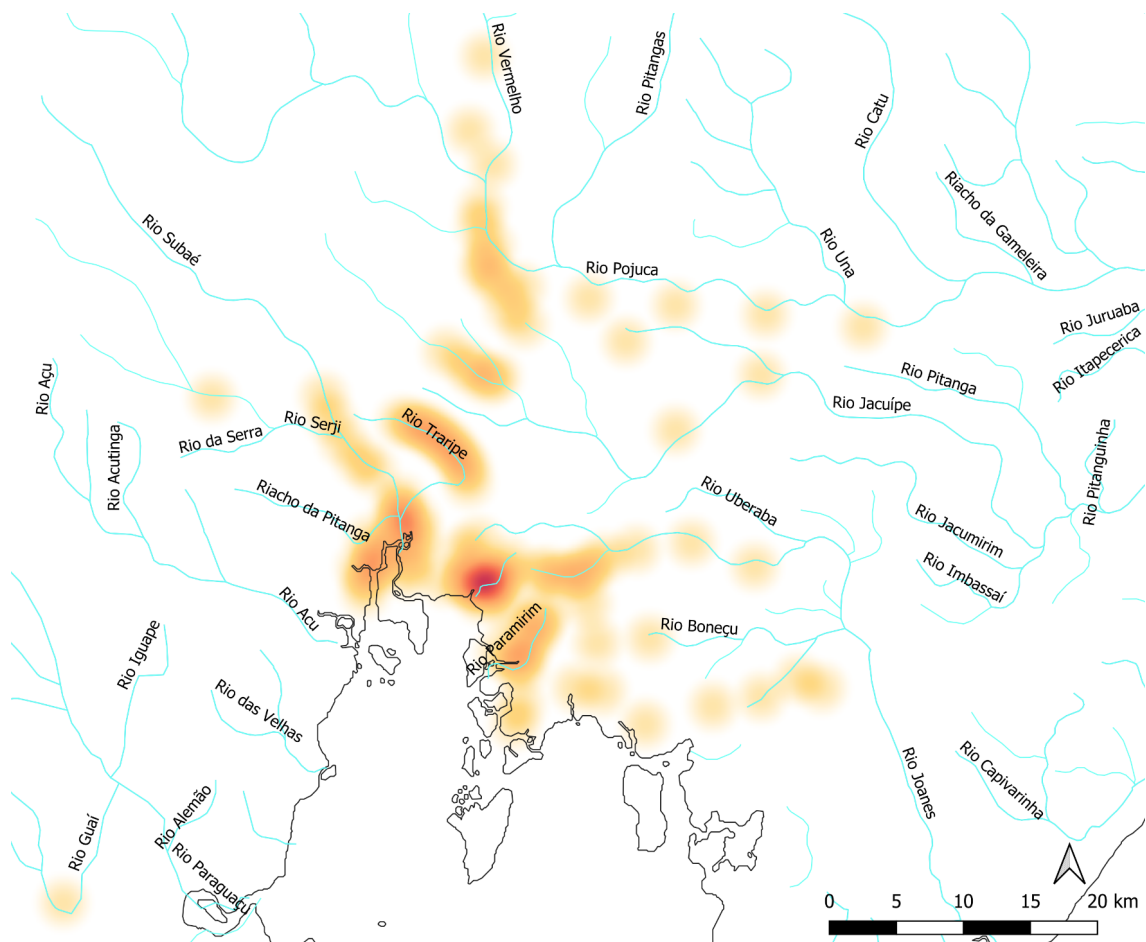


Figura 2: Mapa de calor com rótulos nos rios, é possível ver a maior concentração de engenhos em torno do rio Guaíba.

É possível perceber a maior concentração de engenhos na bacia do rio Subaé e seus afluentes e braços, principalmente os rios Sergipe e Tararipe. Essa é a região onde funcionava o grande engenho Sergipe do Conde e seu “engenho irmão”, o Engenho da Pitanga. Ambos ainda ativos e pertencentes à religiosos do colégio de Santo Antônio da Companhia de Jesus no período do documento. A boa navegabilidade do Subaé e a presença de trapiches foi certamente essencial para o intenso transporte de cana, lenha e açúcar necessários para o funcionamento de tantos engenhos. Vilhena localiza as estruturas portuárias nas vilas de São Francisco e Santo Amaro, para a primeira, na foz do rio Sergipe, braço leste do rio Subaé, cita a presença de um porto com cais à beira-mar. Para a vila de Santo Amaro na margem oeste do Subaé, descreve:

“há mais um espaçoso trapiche em que se recolhe as caixas que descem dos engenhos que descem dos engenhos para dali embarcarem para a cidade, assim

como muito tabaco que se cultivava em muitas paragens do termo dessa vila, e muito principalmente dos Campinhos.” (VILHENA, 1969, pp. 479-481).

Com isso, era possível escoar a produção da bacia do Subaé para dentro da baía do Recôncavo Baiano a partir dos dois braços.

Além do Subaé, indo em direção à Cidade da Bahia, encontram-se os rios Guaíba e Paramirim. Esses rios, apesar de consideravelmente menores que o Subaé, tinham boa navegabilidade, como descrito pelo vigário Miguel Teixeira Pinto, e desaguavam (assim como ainda desaguam) no interior do recôncavo. Ao redor deles, havia três freguesias com bom desenvolvimento açucareiro e é muito provável que eles tenham servido de transporte para grande parte da produção dessas freguesias. N. Senhora do Monte Recôncavo da Bahia, N. Senhora do Socorro do Recôncavo da Cidade da Bahia e S. Gonçalo da Vila de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde que totalizavam 42 engenhos. Ainda que parte considerável dos engenhos da vila de São Francisco estivessem voltados para o Sergipe, reduzindo um pouco o número de engenhos dependentes dessas bacias.

Ao Sul, na freguesia de São Bartolomeu da Vila de Maragogipe, havia um engenho isolado, conhecido como Engenho Santo Antônio. Esse engenho demonstra certa reminiscência, pois quando descrita por Soares de Souza no século XVI a região era rica em Engenhos, oito ou nove entre Maragogipe e Jaguaripe (SCHWARTZ, 1988, p. 83), num período em que, ao todo, a Bahia teria um número próximo a 36 engenhos, como foi registrado por Cardim em 1583. Número que, no entanto, que ainda sofreu grandes mudanças no século XVI, pois a produção açucareira se expandiu em grande velocidade, devido ao grande potencial econômico do açúcar durante esse século (FURTADO, 2007, p. 81). A vila de Maragogipe fazia parte da bacia do Peruaçu (hoje conhecido como Paraguaçu) e apesar de ter sido encontrado apenas um engenho relativo a esse rio, Vilhena indica a presença de várias fazendas e engenhos nessa região de ambos os lados do rio (1969, p. 485). Esses engenhos podem ser parte da grande fazenda do Iguape, considerados como parte da Freguesia de Cachoeira, subindo o rio, ou ainda terem sido ignorados ou desconhecidos pelo Vigário que descreveu a região e, portanto, não foram adicionados ao mapa.

No interior os Rios Jacuípe, Pojuca e Joanes que desaguam fora do recôncavo, ao norte da Cidade da Bahia, também contiveram em suas bacias muitos engenhos. No entanto, tinham menor concentração do que os mais próximos da costa e com rios direcionados ao recôncavo. Segundo Schwartz, devido as nascentes desses rios se localizarem nos planaltos do interior da Bahia, era comum que secassem por completo durante os verões (1988, p. 79). Antonil diz que o plantio da cana deve ocorrer logo após as primeiras chuvas em fevereiro ou março, mas, também pode ser plantada nos meses de agosto e setembro. A colheita deve ocorrer no mínimo dezessete meses depois. Costumasse ser o período de moagem e, conseqüentemente, de corte, o mês agosto. Desse modo, a seca dos rios ocorreria em período de intervalo dos trabalhos dos engenhos, quando se costumava cuidar da cana, em impedir o crescimento de capim na área do plantio (ANTONIL, 2011, p. 126) e plantar para subsistência (FURTADO, 2007, p. 84).

4.2 Fatores Produtivos

Retornando para os números de Caldas pode-se ser feita uma análise produtiva das regiões de plantio. Caldas enumera a produção individual dos engenhos e a tabela é montada a partir desses números com cálculo do autor.

Região produtiva	Nº de engenhos	Produção de açúcar branco em arrobas	Produção de açúcar Mascavo em arrobas	Produção de açúcar média por engenho em arrobas
Partido de Santo Amaro	37	56.903	25.580	2.229
Partido de Matoim	29	35.963	21.277	1.972
Partido de Beira Mar	26	39.795	26.401	2.546

Partido de Mato do Seytas	19	29.235	18.576	2.516
Partido do Iguape	15	28.337	8.683	2.468
Partido da Contiguiba	31	*	*	*
Partido de Garajau	7	*	*	*
Partido de Sergipe Del Rey	8	*	*	*

Tabela 2: Relação das regiões produtivas divididas por Caldas (1759 [2015]) e sua capacidade produtiva. *Regiões externas ao recôncavo, cálculo desconsiderado

A tabela utiliza de uma divisão de regiões em partidos. Essa divisão utilizada por Caldas separou os engenhos em concentrações produtivas. As localizações desses partidos são provavelmente: Partido de Santo Amaro – região que englobava as vilas de Santo Amaro e São Francisco; Partido de Matoim – região ao leste do rio Guaíba onde se situavam as vilas de Monte do Recôncavo, Socorro e Passé; Partido de Beira Mar – engenhos de beira-mar que se situavam ao redor do Recôncavo; Partido de Mato do Seytas – região do interior que englobava Cabeceiras de Passé, Itaripipe e Rio Fundo; Partido do Iguape – região do Rio Peruaçu, as vilas de Maragogipe e Cachoeira; Partido da Contiguiba, Garajau e Sergipe Del Rey – essas divisões se situavam na região de Sergipe Del Rey, atualmente o estado do Sergipe.

Através da análise dessa separação em regiões, tornaram-se visíveis as diferenças entre os engenhos conhecidos por Caldas (2015) e os encontrados no mapa desse trabalho. O partido de Iguape foi provavelmente ausentando do mapa em sua quase totalidade (com exceção de um engenho em Maragogipe, provavelmente o mais isolado). Mesmo sendo engenhos de alta produtividade, capazes de extrair uma boa proporção do mais valioso açúcar branco. Não estava, no entanto, disponível no arquivo qualquer relato sobre a Freguesia da vila de Cachoeira. Segundo Vilhena:

“No termo dessa vila (Cachoeira) é que fica o famoso sítio Iguape de que tenho já falado, e dito que dentro de uma légua quadrada sê vêm não menos de

quatorze engenhos, em que se fabrica o melhor açúcar e do Recôncavo da Bahia; é famoso pela excelência do seu terreno, todo ele de massapê legítimo, e tão valente que ainda não demonstrou fraqueza” (1969, p. 483).

Apesar de mais de trinta anos mais tardio, o relato de Vilhena mostra certa permanência ao que está no relatório de Caldas (2015). Uma região produtora de açúcar nas margens leste do Peruaçu.

4.3 Demografia

Para expor a questão demográfica foram elaboradas uma tabela e um mapa. A tabela foi montada a partir dos documentos produzidos pelos vigários, os mesmos utilizados para a elaboração do mapa, comparando o número de engenhos e o número de fiéis na região. O mapa utilizou os dados demográficos contidos em uma tabela anexada ao documento de Vilhena (1969).

Freguesia	Engenhos	População de confissão	Relação população por engenho
N. Senhora da Encarnação de Passé	9	2346	260,66
N. Senhora da Purificação de Santo Amaro	29	6429	221,68
N. Senhora do Monte Recôncavo da Bahia	19	3884	204,42
N. Senhora do Socorro do Recôncavo da Cidade da Bahia	9	1684	187,11
S. Bartolomeu da Vila de Maragogipe	1	1286	1286

S. Gonçalo da Vila de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde	14	2724	194,57
S. Pedro do Itararippe e Rio Fundo	17	4252	250,11
S. Sebastião das Cabeceiras de Passé	8	2640	330

Tabela 3: População de Confissão e engenhos por freguesia segundo os relatos dos vigários

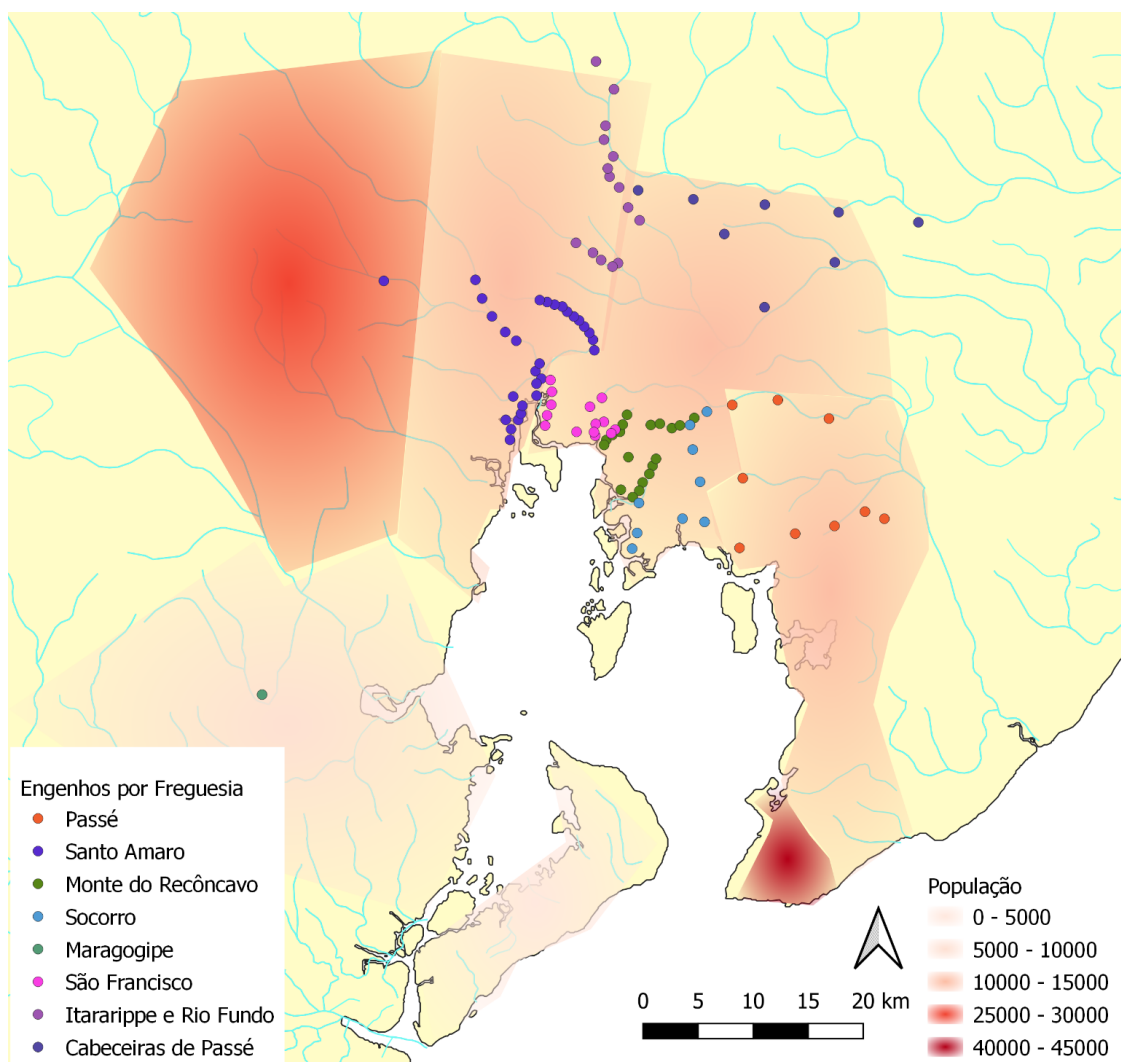


Figura 3: Mapa dos engenhos comparado a população descrita em Vilhena (1789 [1969]) escala 1:500000

O mapa acima apresenta a dispersão dos engenhos encontradas a partir dos relatos dos vigários, relacionada com os dados populacionais descritos por Vilhena, da década de 80 do mesmo século. Apesar de serem 3 décadas mais tardios, os dados de Vilhena podem dar uma visão mais ampla se comparada com a demografia a partir dos relatos dos vigários. Nesse mapa é possível visualizar que as áreas de maior produção de açúcar tinham uma concentração demográfica mediana. A principal área de engenhos (regiões que somadas agrupavam Santo Amaro, Rio Fundo, São Francisco, Monte do Recôncavo, Socorro e Cabeceiras de Passé) apresentou uma população somada de cerca de 35000 pessoas para cerca de 95 engenhos. Ou ainda 21613 pessoas de confissão como consta nas notícias dos vigários. Isso demonstra uma necessidade de braços para o trabalho, um engenho em pleno funcionamento exploraria o trabalho de ao menos 100 negros ou indígenas escravizados, e ainda até mesmo um décimo da força de trabalho de assalariados (FURTADO, 2007, p. 79). Porém, com pouca divisão das terras e muito tempo entre o plantio e a colheita, dezessete ou dezoito meses era considerado o mínimo (ANTONIL, 2011, p. 128), a cana não permite uma grande concentração demográfica. Como pode ser notado na tabela, as regiões de principal produção açucareira continham uma média populacional por engenho com valores parecidos.

Outra região de destaque no mapa é a da vila de Cachoeira. Além dos engenhos do sítio do Iguape, essa região tinha um destaque agrícola pela produção de tabaco. O tabaco poderia ser produzido em pequenas propriedades e seu beneficiamento era mais simples se comparado com o da cana. O cultivo do fumo, no entanto, precisava de cuidados mais intensos em seu cultivo e demandava muita mão de obra, sendo suprida em grande parte por escravizados (SCHWARTZ, 1988, p. 85). Ademais, o rio Paraguaçu (Peruaçu) foi caminho da expansão para o sertão e a criação de gado, sendo cachoeira centro importante de seu comércio. A região demandava grandes quantias de couro devido seu uso para enrolar fumo (SCHWARTZ, 1988, p. 88). Vilhena sobre cachoeira: “De todas as vilas do Recôncavo esta é a mais povoada, assim pelo seu comércio, como pela fertilidade do seu terreno, quando o seu clima é muito saudável e benigno.” (VILHENA, 1969, p. 482). O motivo da alta demografia de Cachoeira seria ainda aumentado pelo comércio. As regiões de Maragogipe e Itaparica, onde se predominava a agricultura de subsistência, possuem também a população mais escassa.

Isso provavelmente se dá a ausência de valor comercial e trabalho de escravizados para esse tipo de cultura.

4.4 Estudo comparativo

Com a introdução dos dados vetoriais de Gil ao mapa, é possível ter uma visualização de dupla temporalidade. O resultado de Gil (2016), baseado na descrição de Soares de Souza, utiliza o mesmo tipo de vetorização e pode ser combinado ao resultado dessa pesquisa. Assim, é formado o mapa comparativo. Esse mapa demonstra as extensas mudanças que ocorreram nessa região durante esse período de pouco menos de dois séculos.

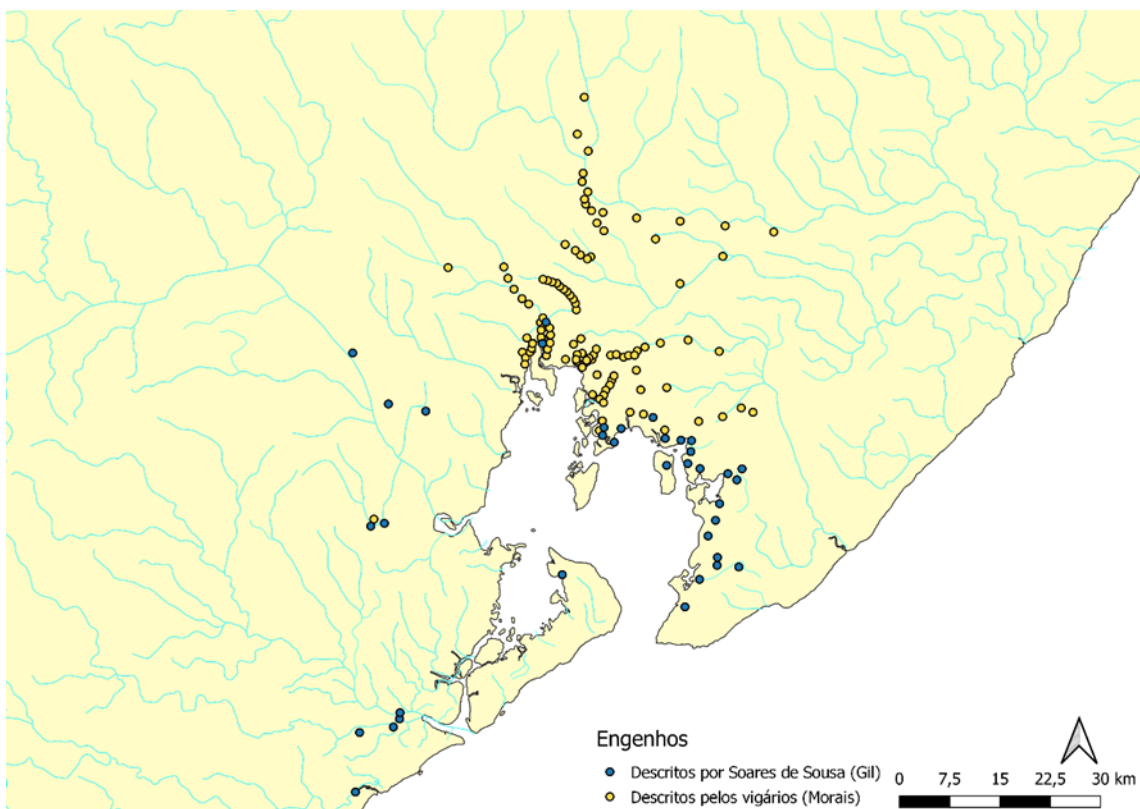


Figura 4: Mapa comparativo entre os engenhos localizados por GIL (século XVI) e por esse trabalho (1757)

Os engenhos descritos por Soares de Souza se concentram numa região mais próxima à Cidade da Bahia e a regiões com capacidade de fornecer o gado, a lenha e as formas de barro, necessários para o funcionamento do engenho (GIL, 2016, p. 216).

Uma grande mudança considerando que nessa região, os relatos dos vigários não citavam engenhos. É possível, no entanto, que tenha sido um caso de omissão nos documentos e não uma mudança total. Contudo, devido a facilidade do transporte fluvial e marítimo desde a maior parte do recôncavo, a proximidade por terra ao porto da Cidade da Bahia não se tornaria grande vantagem. O formato do Recôncavo de mar de interior permitia que a viagem entre a maior parte do recôncavo e a capital durasse apenas um dia (SCHWARTZ, 1988, p. 77).

No século XVI, no entanto, adentrar ao interior do recôncavo era um trabalho mais árduo para os colonos, principalmente devido à grande presença dos povos indígenas na região. Simonsen explica:

Acarretavam, pois, um grande serviço de transporte de canas, de lenha e do artigo produzido. Dadas as dificuldades de locomoção e os riscos de ataques dos silvícolas, evitava-se o afastamento da costa, e estabeleciam-se os engenhos de preferência na faixa litorânea, junto aos pequenos rios, onde se utilizavam de barcas para os serviços de transporte; tornou-se, porém, logo necessário o emprego do carro de boi e o apelo à junta de tiro. (SIMONSEN, 2005, p. 123)

Com o desenvolvimento e expansão da economia do gado no sertão, os indígenas foram expulsos para outras regiões ou integrados na criação e comércio pecuário (FURTADO, 2007, p. 98).

A região de Sergipe do Conde não tinha engenhos próximos, apenas os engenhos de Sergipe do Conde e da Pitinga, que eram do mesmo proprietário. Soares de Souza afirmou que o Conde de Linhares (provavelmente se referiu ao Dom Francisco de Noronha, 2º Conde de Linhares) não permitia a instalação de engenhos próximos a suas terras, e o criticou pois isso seria impedimento para o desenvolvimento da região. É notável que em 1757 é justamente a região de Sergipe do Conde que apresenta um dos maiores números de engenhos. Havia também a presença de engenhos em Jaguaripe, o que já não ocorria em 1757. Manteve-se, no entanto, o topônimo pois havia um povoado denominado Engenho. Podendo ou não ser no local que esse engenho funcionara. É possível perceber em diversos relatos da primeira metade do século XVIII um número muito próximo de engenhos (SCHWARTZ, 1988, p. 86). Isso provavelmente ocorre pois ao mesmo tempo que são construídos novos engenhos também são desmontados

outros, e não por uma parada total em sua construção. Se voltando para uma nova região de exploração açucareira dentro do Recôncavo.

Outro fator visível é a predominância dos engenhos à beira-mar no século XVI. Já na metade do XVIII ocorre um processo de interiorização, sendo chamados de engenhos de matto dentro. Vilhena descreve que ao final do século XVIII os engenhos de beira-mar já seriam bastante antigos e devido a falta do beneficiamento das terras, não tinham grande produtividade no plantio da cana e tinham que moer as canas de outros produtores para se sustentar. Enquanto os engenhos de matto dentro eram mais novos e conseqüentemente se beneficiavam de terras mais férteis. Em contrapartida, os dados de Caldas (2015) demonstram que esses engenhos de beira mar tinham bom volume de produção mesmo que produzissem um açúcar de menor qualidade (menor relação entre açúcar branco e mascavado entre todas as regiões). Essa qualidade pode inclusive ser reflexo do trabalho com mais cana de outros produtores, devido a perda gradual da qualidade da cana após a colheita, ficando mais seca (VILHENA, 1969, p. 179). Ou mesmo, pelo uso de técnicas mais rudimentares por serem engenhos mais antigos.

Tanto o aumento do distanciamento dos engenhos com a cidade de São Salvador assim como o processo de interiorização desses engenhos são provavelmente reflexo de uma ação exploratória e predatória do uso da terra. Segundo Prado Júnior, a destruição de grandes áreas de floresta para o consumo da lenha nos engenhos tornava a muitas vezes a existência de alguns engenhos impraticáveis devido a devastação nas matas próximas e a necessidade de buscar lenha de distâncias que não eram acessíveis (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 88). Furtado reflete que, durante o século XVIII, devido à maior competitividade no mercado do açúcar, muitos engenhos foram desmontados devido a condições menos favoráveis de qualidade do solo e facilidade de transporte do açúcar (FURTADO, 2007, p. 103).

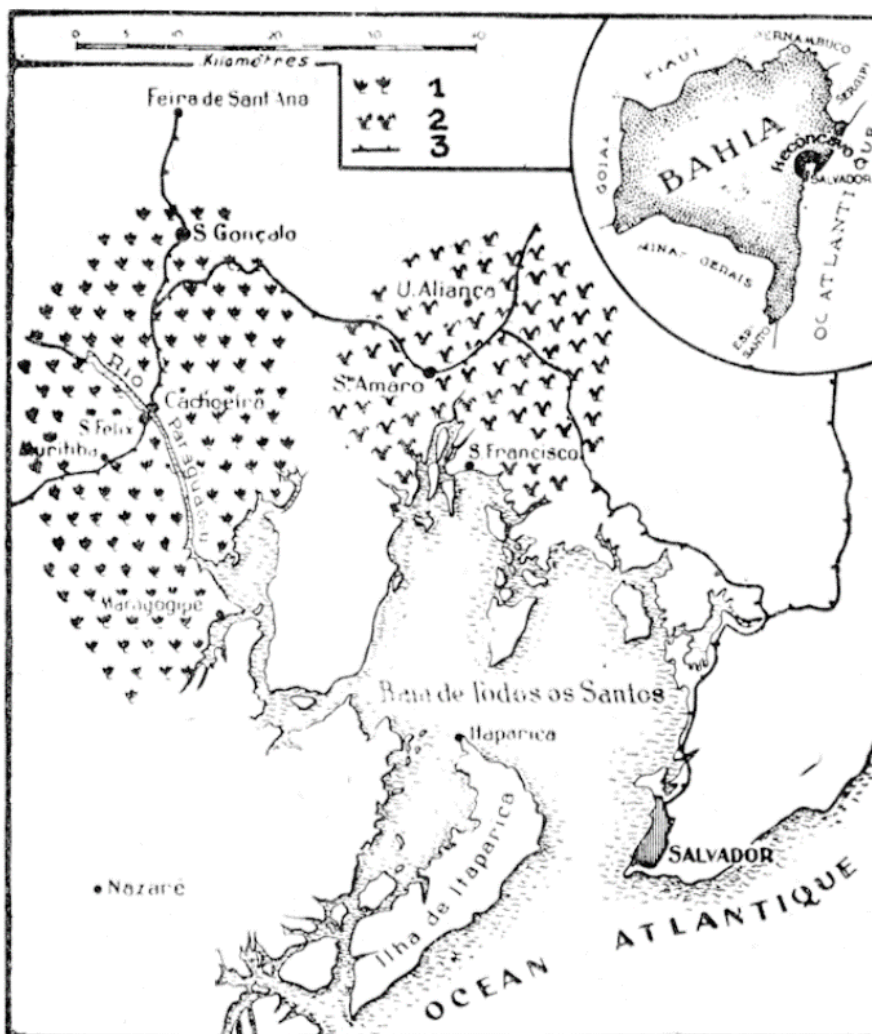


Figura 5: Mapa das Culturas Agrícolas do Recôncavo Baiano segundo de Azevedo (1951)
 Legenda: 1 - Cultura de Tabaco; 2 - Cultura de Cana-de-Açúcar; 3 - Ferrovias

Esse mapa publicado no início dos anos 1950, demonstra o desenvolvimento das áreas de plantio após cerca de 2 séculos. A exploração da cana no recôncavo baiano se concentrou na região das cidades de São Francisco e Santo Amaro. Pode-se notar que o movimento da cana reflete o que já havia começado a ocorrer séculos antes. O movimento de interiorização e concentração visível no mapa do século XVIII. No século XVI, a cana foi plantada por toda a área costeira do Recôncavo, desde as proximidades da Cidade da Bahia até Maragogipe, Jaguaripe, ou mesmo, a ilha de Itaparica. O tabaco também continuou a ser desenvolvido na região de Cachoeira e se expandiu para a região de Maragogipe.

5. Considerações Finais

O uso dos mapas para a análise de dados históricos permite que o pesquisador perceba mudanças na dimensão espacial de maneira mais acurada. A visualização dos dados para além de seu valor numérico demonstraram a forma que as mudanças ocorreram na região do Recôncavo Baiano. Primeiramente, com a análise da documentação pensada para a montagem do mapa, percebe-se a relação da hidrografia com a implementação dos engenhos. As bacias do interior do recôncavo são as mais exploradas pela possibilidade de carregar, por rio, as caixas de açúcar para os portos das vilas e em seguida para o porto da Cidade da Bahia. Mesmo os rios Jacuípe e Pojuca que deságuam ao norte, fora do mar de interior, valorizam a região e os engenhos de interior são implementados em suas bacias.

O mapa de demografia representa a forma que a cana exige uma população mediana. Por um lado utiliza de uma força de trabalho escravizada que é trazida para sua cultura. Por outro lado, o seu plantio necessita de grandes terras e seus cuidados não são tão intensos como o do tabaco. Este que atrai uma demografia mais concentrada. Além do mais, o direcionamento externo do mercado do açúcar não atrai grandes mercados, como ocorre em Cachoeira e Salvador.

Finalmente, o mapa comparativo expressa o movimento de interiorização ocorrido entre os séculos XVI e XVIII. Um dos fatores que corroborou para esse movimento foi o crescimento da criação de gado que ocupou grande parte do sertão nordestino e permitiu uma ocupação maior do interior do país. No entanto, provavelmente o fator ambiental é o principal motivo das mudanças. A qualidade a longo prazo das terras para o plantio do açúcar permitia uma duração da exploração na região. Enquanto Jacuípe e Itaparica pararam com o plantio da cana devido a suas terras arenosas, o Massapê preto em torno do rio Subaé permitiu o plantio da cana por séculos sem uma adubação adequada. A superexploração da floresta para a lenha, necessária para manter as caldeiras do engenho, também tornou inviável o beneficiamento da cana-de-açúcar em muitas partes do Recôncavo.

Dessa forma, pensar na mudança das regiões dos engenhos cria uma dimensão adicional ao simples dado do aumento numérico de engenhos entre o século XVI e o

XIX. Se torna visível uma reorganização regional que ocorreu no recôncavo a partir desses movimentos determinados por fatores relativos à sua própria exploração.

Bibliografia

- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. Texto original de 1711; introdução por Afonso d' Escragnolle Taunay; vocabulário por A.P. Canabrava.
- BERNARDO, R.; LOURENZANI, W. L.; SATOLO, E. G.; CALDAS, M. M. Produtividade da cana-de-açúcar em Mato Grosso do Sul e Goiás: uma análise a partir da Visão Baseada em Recursos. **Interações**: Campo Grande, [S. l.], v. 21, n. 2, 2020. pp. 419-434. DOI: 10.20435/inter.v21i2.1849. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1849>. Acesso em: 7 set. 2022.
- BRASIL. Alexandre de Amorim Teixeira. Agência Nacional de Águas. **Base Hidrográfica Ottocodificada Multiescalas**. 2013. Disponível em: <https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/por/catalog.search#/metadata/7bb15389-1016-4d5b-9480-5f1acdadd0f5>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- CALDAS, Jozé Antonio. **Notícia Geral desta Capitania da Bahia** desde o seu descobrimento até o presente anno de 1759. Editado por Aícia Duhá Lose, Vanilda Salignac de Souza Mazzoni e Perla Andrade Peñailillo. Salvador: Memória e Arte; 2015
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **Série Histórica das Safras**. Brasília: 2021. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>. Acesso em: 07 set. 2022
- COSTA, Iraci del Nero da. **Pesos e Medidas no Período Colonial Brasileiro**: denominações e relações. IPEADATA, s.d. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/doc/pesos%20e%20medidas%20no%20periodo%20colonial%20brasileiro.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022
- DE AZEVEDO, Aroldo. **Salvador et le Reconcavo de Bahia** (Brésil du Nord-Est). In: Cahiers d'outre-mer. N° 15 - 4e année, Juillet-septembre 1951. pp. 189-203.
- FUNDAÇÃO OPEN STREET MAP (OSMF). **Open Street Map**. Disponível via ODbL. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/>. Acesso em: 20 jun. 2022
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 351 p. 1ª edição, 1959.
- GIL, Tiago Luís. **O império marítimo baiano**: uma cartografia da produção na obra de Gabriel Soares de Souza (1587), p. 200-222. In: VILLA, Carlos Valencia; GIL, Tiago Luís. **O retorno dos mapas**: sistemas de informação geográfica em história. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016. 516 p.
- GRAVA, Massimiliano. **Georeferenziazione e modelli di densità dei mulini a vento maltesi tra XVII e XIX secolo**, p. 257-275. In: VILLA, Carlos Valencia; GIL,

Tiago Luís. **O retorno dos mapas**: sistemas de informação geográfica em história. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016. 516 p.

GREGORY, Ian. **A Place in History**: a guide to using GIS in historical research. AHDS History: Colchester, 2002. Livro-Site. Disponível em: <http://hds.essex.ac.uk/g2gp/gis/index.asp>. Acesso em: 15 mar. 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 254 p. 1ª edição, 1936.

HUISMAN, Otto; de By, Rolf A. Preface, p. 17-18. In: **Principles of Geographic Information Systems**: an introductory textbook. 4ª ed. The International Institute for Geo-Information Science and Earth Observation (ITC): Enschede, 2009

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Produção de cana-de-açúcar. Brasília: 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/cana-de-acucar/br>. Acessado em: 07 set. 2022

NACHILUK, K. **Alta na Produção e Exportações de Açúcar Marcam a Safra 2020/21 de Cana**. Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, v. 16, n. 6, jun. 2021, p. 1-5. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=15925#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20maior,de%20litros%20de%20etanol1>. Acesso em: 07 set. 2022.

RODRIGUES, G.S.S.C. e ROSS, J.L.S. **A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil**: perspectivas geográfica, histórica e ambiental. Uberlândia: EDUFU, 2020. 272 p. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/edufu_a_trajetoria_da_cana-de-acucar_no_brasil_2020_ficha_corrigida.pdf. Acesso em: 10 set 2022

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 480 p. Título Original: Sugar plantation in the formation of Brazilian society Bahia, 1550-1835. Tradução de: Laura Teixeira Motta.

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil**:1500-1820.Senado Federal, Conselho Editorial: Brasília, 2005. 589 p. Edições do Senado Federal v. 34.

PATTON, Michael Quinn. **Strategic Themes in Qualitative Inquiry**. In: PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Research & Evaluation Methods**. 3ª ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002. p. 37-75. 1ª edição, 1980.

PRADO JÚNIOR, Caio. Renascimento da agricultura. pp. 79-93. In: **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 1ª edição, 1945.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de “Visconde de Porto Seguro”. **História Geral do Brasil**: antes da sua separação e independência de Portugal. 2ª ed. Rio de Janeiro: Em casa de E. & H. Laemmert, 1877. 1ª edição, 1854.

VILHENA, Luís do Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Editora Itapuã, 1969.
292 p. Reedição do trabalho organizado por Braz do Amaral como: Recopilação
de Notícias Soteropolitanas e Brasíliaicas, 1802.